

# AS TELENÓVELAS BRASILEIRAS: HERÓIS E VILÕES

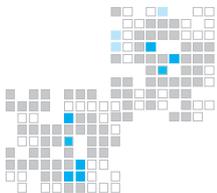


Maria Lourdes Motter

■ Professora livre-docente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, coordenadora do NPTN-ECA USP e do Núcleo de Pesquisa Ficção Seriada da Intercom. É autora dos livros *Ficção e história: imprensa e construção da realidade* e *Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela*.

■ E-mail: [motter@uol.com.br](mailto:motter@uol.com.br)

64



## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre o modelo atual de telenovela brasileira, buscando identificar nas narrativas os deslocamentos que a afastam da qualidade crescente alcançada na última década. Categorias de personagens como herói e vilão são analisadas para avaliar o grau de protagonismo de cada um e identificar, nas telenovelas no ar no primeiro semestre de 2004, possível inclinação tendencial para a simplificação narrativa - com repetição de fórmulas, estratégias e esquemas maniqueístas - e recuperação de elementos do folhetim clássico.

PALAVRAS-CHAVE: TELENOVELA • PERSONAGEM • HERÓI • VILÃO • BRASIL.

## ABSTRACT

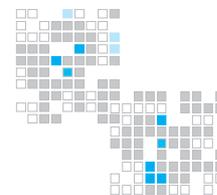
The current paper aims to ponder on the current model of Brazilian *telenovelas*, so as to detect in the narrative the causes for the downgrading in the quality that marked the past decade. Character categories such as heroes and villains are analyzed to assess their degree of protagonism and to spot in first-half 2004 *telenovelas* a possible tendency towards simplifying the narrative, by repeating formulae, strategies and manicheistic schemes, and recovering elements that belong to the classical *folhetim* (daily novel chapters formerly published in newspapers).

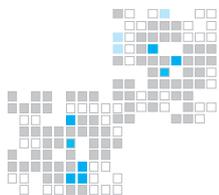
KEY WORDS: TELENOVELA • CHARACTER • HERO • VILLAIN • BRAZIL.

## RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo reflejar el modelo actual de la telenovela brasileña, buscando identificar en las narrativas las dislocaciones que la separan desde la creciente calidad alcanzada en la última década. Las categorías de personajes como el héroe y el villano son analizadas para evaluar el grado de protagonismo de cada uno e identificar, en las telenovelas televisionadas en el primer semestre de 2004, la posible inclinación tendencial para la simplificación narrativa - con la repetición de fórmulas, estrategias y esquemas maniqueístas - y la recuperación de elementos del folletín clásico.

PALABRAS-CLAVE: TELENOVELA • PERSONAJE • HÉROE • VILLANO • BRASIL.





Na telenovela, como na história das narrativas que atravessam o tempo, o herói deve ser alguém que tenha qualidades se não excepcionais, pelo menos diferenciadas. Suas virtudes nascem da relação que se estabelece entre ele e seus antagonistas, os quais podem ser vários ou tão-somente um, podem ser da ordem dos homens comuns ou seres imaginários como deuses ou entidades sobrenaturais, pode ser representado por animais, máquinas ou artefatos desconhecidos ou seres estranhos - estes mais próprios de filmes ou ficção destinada ao público infantil ou juvenil. Os antagonistas podem ser simplesmente um conjunto de dificuldades banais que impedem a consecução de sua trajetória na busca de uma realização.

O próprio conceito de herói varia no tempo: se na época das grandes descobertas os heróis eram navegadores, que se arriscavam no desconhecido para vencer perigos e realizar conquistas para seu rei ou seu povo, ou estrategistas que venciam pela astúcia lutas e guerras contra um inimigo para anexar terras, dominar povos e expandir um império, com o Renascimento e o Romantismo o herói vai se configurar de modo privilegiado. No Renascimento, o herói expressa a capacidade humana de enfrentar a intransigência dos deuses e a adversidade dos elementos da natureza e no Romantismo, em cenário histórico-social diverso, o herói vai enfrentar um percurso cheio de obstáculos, solitário e em conflito com as convenções sociais. Esse herói romântico tende a surgir no curso de uma viagem ou de um percurso atribulado de sua vida, caracterizado pela impossibilidade de harmonizar seus ideais com os constrangimentos impostos pelo sistema social e impedimento para que eles se realizem.

É a partir do Realismo e do Naturalismo que a figura do herói aparece despojada das marcas de excepcionalidade que no Romantismo conheceu; as personagens em quem se centra o processo crítico de uma sociedade em crise, a irônica reconstrução dos percursos épicos desvirtuados por um

*cotidiano dissolvente, os ofendidos e oprimidos por um sistema social cruel (como Fabiano em Vidas Secas, de Graciliano Ramos), se afirmam pela negativa mais do que pela positiva. E deste modo invertido reinterpretem a condição de centralidade que o herói conheceu* (Reis e Lopes, 1988, p. 193).

O conceito de herói relaciona-se com uma concepção antropocêntrica da narrativa em torno do qual ela existe e se desenvolve. Ele é uma figura central que se destaca dos outros seres que povoam a história como protagonista qualificado “Esta e as categorias que a estruturam são, pois, organizadas em função do herói, cuja intervenção na ação, posicionamento no espaço e conexões com o tempo contribuem para revelar sua centralidade indiscutível” (Reis e Lopes, 1988, p. 210). O herói é uma personagem, categoria fundamental da narrativa.

*Na narrativa literária (da epopéia ao romance e do conto ao romance cor-de-rosa), no cinema e na história em quadrinhos, no folhetim radiofônico ou na telenovela, a personagem revela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa [...]. Os escritores testemunham eloqüentemente o relevo e o poder impressivo da personagem; Flaubert revela: Quando escrevi o envenenamento de Emma Bovary, tive na boca o sabor do arsênico com tanta intensidade, senti-me eu mesmo tão autenticamente envenenado, que tive duas indigestões [...] (Reis e Lopes, 1988, p. 215).*

No mundo atual, com domínios mapeados e consolidados, pouco resta para a produção de grandes heróis como os da Antiguidade Clássica. Cessadas as grandes circunstâncias que propiciavam o nascimento e a consagração de heróis, o mundo contemporâneo centra-se no conhecido e no cotidiano rotineirizado, onde produção, comércio, mercado e tecnologia enlaçam e restringem as dimensões de um vasto e antes desconhecido espaço em uma aldeia loteada e atada por uma trama de comunicação que a torna global.





## “Na telenovela, como na história das narrativas que atravessam o tempo, o herói deve ser alguém que tenha qualidades se não excepcionais, pelo menos diferenciadas.”

Se antes a função do herói pressupunha qualidades pessoais de caráter, força física e moral com finalidade que transcendia o individual e visava sempre ao engrandecimento de um grupo, reino, povo ou nação, hoje, são as finalidades do indivíduo que prevalecem. Não sendo nossa intenção focalizar a ficção em geral ou a literária, mas sim a da telenovela brasileira, que preenche parte substancial da programação de nossa maior rede de televisão aberta, procuraremos verificar como se configuram os heróis nas narrativas atuais e o espaço que lhes é reservado, suas qualidades e seus campos de ação.

Quais as possibilidades deixadas à fabricação de heróis nas narrativas que povoam o imaginário de consumidores de produtos da indústria cultural como a telenovela? Se tomarmos como parâmetro a novela *Celebridade*<sup>1</sup>, que terminou em junho de 2004, e a que ainda permanece no ar em agosto de 2004, *Da Cor do Pecado*<sup>2</sup>, podemos afirmar que aos heróis cabe apenas resistir e escapar das armadilhas preparadas pelo adversário. O trabalho de escultura do herói desloca-se para o seu oponente, o vilão. Pallottini, citando Vladimir Propp, define o vilão como o antagonista, o malfeitor ou o bandido, a personagem que faz o mal. Ele é o responsável pelo infortúnio que golpeia o herói e obstrui seu caminho para o objeto ou para o seu destino ou para sua felicidade. O vilão deve ser construído com requinte para derrubar, a cada tentativa de recuperação de um

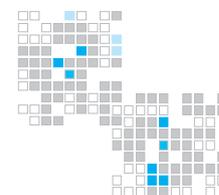
golpe, o adversário com outro mais astucioso, mais esperto e inteligente que o anterior.

Naturalmente, ele começa a nascer de um motivo. Um motivo que pode ser forte ou pueril, que pode estar enraizado num trauma: vingança, resgate, superação; ou num jogo de ultrapassagem de sua condição social: “vencer ou vencer”, numa competição por sucesso pessoal ou consagração social. Na ficção, o motivo mais comum é a vingança como reação a prejuízo que se julga ter sofrido. Se a motivação de base do vilão é falsa ou verdadeira, é outra história. É difícil imaginar que uma personagem virtuosa como Maria Clara (Malu Mader em *Celebridade*) tenha sido diferente no passado - má na infância e na adolescência - como acredita Laura (Cláudia Abreu). Parece incoerente e inverossímil uma mudança tão radical: Maria Clara não só é boa, como ingênua, chegando a ser simplória, por não perceber as articulações golpistas de sua inimiga, que só será identificada como tal quase no fim da telenovela. De qualquer modo, na história, ela coincide com o modelo de mulher e empresária bem-sucedida, que Laura não seria por usurpação daquela. Laura julga ter sido roubada e, por isso, castrada nas suas possibilidades de ter a trajetória de êxitos que coube a Maria Clara. Assim, rouba para ter o que quer, quando poderia, por seu talento, apenas concorrer com ela no campo profissional, já que inteligência, bom gosto, beleza, elegância, esperteza e capacidade de ação não lhe faltam.

Exemplo negativo, que receberá sua sanção no final da história, Laura, com comportamentos antiéticos e amorais, representa um estímulo permanente à adoção de seu modelo e de suas práticas e um forte apelo para todos aqueles que, do

1 Telenovela de Gilberto Braga, Rede Globo de Televisão, veiculada em horário nobre, de 13/10/03 a 25/6/04.

2 Telenovela de João Emanuel Carneiro, Rede Globo de Televisão, veiculada em horário nobre, iniciada em 26/1/04.





lado oposto da cerca que separa as celebridades das pessoas comuns, sentem-se roubados pela sorte e aspiram à vida no Olimpo contemporâneo, erigido por Hollywood e popularizado pela televisão. Para estes, ser vilão passa a constituir uma alternativa no percurso para se tornar “herói” no mundo do espetáculo, no qual a vilania gera um pequeno castigo, mas não impede a consagração. Veja-se o *Big Brother Brasil*, versão Globo 2004. O castigo para o participante é sair da competição (pelo prêmio em dinheiro), mas o passo seguinte é o pódio e as glórias pelo heroísmo de ter passado pelo confinamento. Revelando bom ou mau caráter, não se perde o prêmio maior: ele já saiu do anonimato, se tornou uma celebridade e isso será capitalizado pela própria emissora, pela mídia especializada em TV e pela mídia em geral.

A telenovela retoma o modelo clássico, incorpora o show, como aconteceu em *O Clone*<sup>3</sup> e traz personalidades do mundo artístico-cultural. É ágil, bem tramada, mas muito didática nos pequenos ou grandes golpes, um manual que ensina passo a passo como cometer delitos, seja criando armadilhas para armar flagrantes (roubo da chave, cópia e devolução, roubo do chaveiro de Eliete (Isabela Garcia em *Celebridade*), dado por Maria Clara, contratação de Bidu (Dudu Azevedo em *Celebridade*) para roubar a roupa de Hugo (Henri Castelli em *Celebridade*), fazer-se de seu amigo e levá-lo para o apartamento de Maria Clara, onde o porteiro já estava subornado por Marcos (Márcio Garcia em *Celebridade*) para deixá-los subir; após o banho de Hugo, oferecimento de roupa e preparação do lanche para dar a ele suco de laranja com sonífero); seja aliciando menores para ações delituosas, como foi o caso de Bidu, que ajudou a plantar Hugo sem roupa na cama de Maria Clara e, em outra oportunidade, para avisar a polícia sobre a droga (plantada) no carro de Maria Clara. Nessa telenovela apa-

3 Telenovela de Glória Perez, Rede Globo de Televisão, veiculada em horário nobre, de 1º/10/01 a 14/6/02.

recem outras situações em que adultos aliciam menores para práticas condenáveis, como garotos sendo pagos para roubar o caro biquíni que Jaqueline (Juliana Paes em *Celebridade*) vestia na praia, ou para sumir com os filhos de Ana Paula (Ana Beatriz Nogueira em *Celebridade*) no parque, por iniciativa da mãe, com o objetivo de responsabilizar a namorada do ex-marido. Sabemos que tais situações são comuns na nossa realidade cotidiana, mas o didatismo do “como fazer” não pode ser justificado sequer sob a rubrica de denúncia.

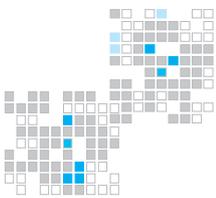
Com a retomada da receita clássica, prevalecem as personagens planas, sem conflitos, sem complexidade psicológica. Os vilões ficam fortes, por serem movidos por um comportamento obsessivo. Eles têm como único propósito na história serem maus. E, como na telenovela são belos e sofisticados, fazem grande sucesso junto ao público, principalmente no caso de Laura, que tem uma justificativa para sua vilania e assume o papel da vingadora. Como todo bom vilão, Laura tem parceiros fixos e ocasionais que servem ao seu propósito:

Marcos (Márcio Garcia) é o principal coadjuvante, seu ajudante de ordens e parceiro fixo;

Renato Mendes (Fábio Assunção) é um mau caráter que trafega num mundo sofisticado, mas se identifica com o submundo da prostituição e do crime. É bonito, charmoso, mas extremamente vulgar. Atua ora como antagonista ora como parceiro ocasional;

Beatriz (Deborah Evelyn) é uma parceira poderosa, que se une à vilã na tentativa de afastar Maria Clara do marido Fernando (Marcos Palmeira) e para manter o terrível segredo de um filho que não é dele;

Ana Paula é uma mulher fútil, invejosa, que quer ser aceita socialmente como a irmã, Maria Clara. Para isto, pratica todo tipo de traição para se dar bem sem esforço. É tão superficial que usa o marido, os filhos, a mãe e a própria irmã para





conseguir vantagens econômicas e sociais.

Os vilões, ajudados pelos maus elementos, empurram a ação criando problemas/conflitos/situações que os heróis têm de resolver. Estes pouco ou nada fazem além de reagir aos sucessivos golpes desfechados pelos vilões. E, como são apenas bons, também são personagens quase planas, sem densidade psicológica. São puros, ingênuos e não conseguem olhar para o lado, ver os inimigos e as armações que lhes preparam. Quando conseguem se livrar da cegueira e começam a reagir, a história já está se aproximando do final, e eles ganham mais feição de personagem redonda, como ocorre em *Celebridade*.

Na história, a vilã Laura poderia ter sua ação limitada à reaquisição de bens desviados de sua família. Mas, sua investida persecutória se prolonga na vingança pessoal contra Maria Clara, a quem odeia e a quem quer destruir. Portanto, a vilania objetiva mais do que a recuperação dos bens perdidos: ela visa à destruição do suposto adversário. É como se Laura quisesse se transformar naquela tendo que destruí-la para assumir-se não como a Laura vitoriosa, mas como a própria Maria Clara, com suas relações de amizade, sua atividade profissional, suas relações amorosas, seu brilho e seu charme. Ela não quer apenas vencer, quer aniquilar Maria Clara para, com isso, ocupar os lugares profissional, social e afetivo da outra, movida pela inveja patológica de quem quer transformar-se antropofagicamente no outro.

### **E como reage nossa heroína?**

Se a ação é tarefa do antagonista agressor, o heroísmo está sustentado pela resistência do protagonista. Ele não pode se entregar. A cada investida, Maria Clara assimila suas perdas e tenta se reerguer ou se manter na arena usando sua competência, apoiada em sua força moral. É a crença em si mesma e em seus princípios que a faz forte diante da adversidade. Seu desprendimento e sua

grandeza ainda autorizam gestos de renúncia em favor do outro: à perda de bens e prestígio se associa a renúncia ao bem maior, àquele que re-

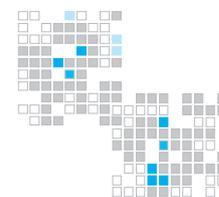
### **“Se a ação é tarefa do antagonista agressor, o heroísmo está sustentado pela resistência do protagonista.”**

presentaria algum tipo de apoio e até, de certo modo, solução para seus problemas, o amor. Amor que já gerou um filho, situação que ela esconde para evitar que as suspeitas sobre a autoria de um crime - assassinato de Lineu (Hugo Carvana), presidente e dono do grupo Vasconcelos - recaiam sobre a pessoa amada. Na perspectiva relacional adotada, estão atribuídos:

Ao *herói*: valores positivos de honra, bondade, justiça, persistência, coragem e determinação. Para continuar fazendo o trabalho que escolheu por vocação e realiza com prazer e sendo capaz de manter, ainda que de forma precária, compromissos assumidos com a família, com funcionários, com terceiros.

Ao *vilão*: os valores do herói são invertidos. A persistência, a coragem e a determinação são exacerbadas e todos os meios são válidos para alcançar seus objetivos. Inteligência e sagacidade são mobilizadas no trabalho de arquitetura de planos requintados contra a personagem do herói. Estrategicamente elaborados, eles vão sendo postos em prática para, numa seqüência diabólica, destruir completamente o herói.

Na articulação dos módulos que compõem as etapas do plano como um todo, todos os meios são válidos e o espectador vive uma experiência - quiçá uma aprendizagem - extremamente didática de como aniquilar e destruir o outro. Um manual - passo a passo - de como se despir dos valores socialmente relevantes e aprender em poucas lições como consumir uma vingança e vencer na vida. Nenhuma dúvida, nenhuma hesitação deve





## “A força da personagem vilã vem de sua determinação, da simplificação de suas características psicológicas: um ser de muita ação e nenhum conflito na sua trajetória de crueldades rumo à consecução de seu objetivo.”

toldar esse trajeto. Obstáculos que ameaçam os propósitos do vilão são prontamente contornados ou superados com ameaças, subornos, aliciamentos e intimidações. Personagens ingênuas são convertidas em coadjuvantes importantes, pois confiam nele e lhe prestam serviços por acreditarem na seriedade de seus propósitos e em suas promessas.

A frieza de Laura decorre de uma obsessiva perseguição. Por isso a personagem não tem hesitações, conflitos, não apresenta qualquer traço de humanidade. Nada do que faz inclui sentimentos positivos, ou de dúvida. Ela é movida apenas por certezas. Sua investida cega contra a heroína, Maria Clara, não inclui lampejo algum de consciência sobre estar atingindo o alvo certo. Ela apenas representa o seu oposto, representa a confluência de positivities que lhe foram negadas. Ao que tudo indica, ela é apenas alguém que usufruiu indiretamente de algo que roubaram de sua família, o que Maria Clara ignora. Ela mesma não teria usurpado nada, e, deste modo, seria uma vítima das circunstâncias, como a própria vilã.

A força da personagem vilã vem de sua determinação, da simplificação de suas características psicológicas: um ser de muita ação e nenhum conflito na sua trajetória de crueldades rumo à consecução de seu objetivo. Laura pode se enquadrar na categoria que Forster classifica como personagem plana.

À sua maneira, o leitor moderno entendeu a “caracterização” convincente na narrativa ou no drama como a produção do personagem “redondo” - para empregar o termo de E.M. Forster (1974, pp. 46-54) -, aquela que está “cercado pela imprevisibilidade da vida”. Oposto ao “redondo” é

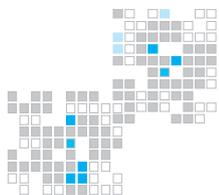
o “plano”, o tipo de personagem que nunca surpreende o leitor; ao contrário, lhe dá o prazer de sempre cumprir suas expectativas. Sabemos agora que o personagem de tipo forte (ou “plano”) deriva da narrativa oral primária, que não pode oferecer personagens de outro tipo. O personagem típico (plano) serve tanto para organizar a linha narrativa como para administrar os elementos não-narrativos que ocorrem na narrativa (Ong, 1998, p. 170).

Maria Clara ama Fernando até ao sacrifício máximo da renúncia. Ambos são belos, jovens, empreendedores, apaixonados, virtuosos: são trabalhadores, constantes, bons filhos, bons pais, compreensivos, honestos, leais, corajosos, justos.

Do ponto de vista das categorias de vilão e de herói, se tomarmos *Porto dos Milagres*<sup>4</sup> como objeto de análise, veremos que Félix (Antônio Fagundes) e Adma (Cássia Kiss) são vilões. A motivação, diferentemente do caso de Laura (de *Celebridade*), não é a vingança, mas a ambição sustentada pela usurpação e uma seqüência de atos criminosos para alcançar riqueza, poder e poderes, entre os quais o político. O herói Guma (Marcos Palmeira) é um pescador pobre com todas as qualidades e virtudes. Ignorando ser o legítimo herdeiro dos bens usurpados por Félix (o todo-poderoso da cidade e da região), ele cumpre seu percurso de construção paulatina como herói, apenas se defendendo e resistindo às investidas do vilão Félix e da super vilã Adma Guerrero. Na realidade, temos uma família inteira de vilões: pai, mãe, filho e ainda um empregado<sup>5</sup>.

4 Telenovela de Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares, Rede Globo, veiculada no horário nobre de 5/2 a 28/9/2001.

5 Sobre o assunto ver Motter, 2002.





O herói tem adjuvantes fracos, mas muitos. Ainda em Porto dos Milagres, Rosa Palmeirão (Luiza Tomé), sua tia, é uma peça importante por não só dominar o segredo da identidade do herói como ainda atuar para desvendar o segredo e vingar-se do malfeitor. Aqui temos também um pequeno desvio com relação à punição do mal. Félix sai vencedor, mesmo quando sua trajetória criminosa é revelada. Apenas não usufruirá a glória conquistada por não ter conseguido o perdão de Rosa, que o mata no ato de posse como governador do Estado da Bahia, pondo seu objetivo de vingança acima da paixão que nutria por ele. Adma e o filho foram castigados. Guma recupera o que lhe é de direito, mas como se recebesse um prêmio, já que cumpriu sua trajetória heróica sem auxílio dos bens que lhe foram roubados.

Mais um herói que apenas reage ao vilão, mas que sai fortalecido a cada investida do inimigo. De um modo geral, o que se observa em muitas telenovelas, sobretudo nas mais recentes, não são heróis em busca da consecução de um destino, mas protagonistas heróicos constituídos como tal no enfrentamento de vilões que são construídos com a determinação de convergirem sua astúcia para planejar e executar, com precisão cirúrgica, golpes sucessivos contra o herói para vencer sua resistência moral e destruí-lo. Como personagens, são planas, pois se movem impulsionadas por sua obsessão. Qualquer conflito ou dúvida sobre os próprios atos poderia enfraquecê-las. Assim, são frias, calculistas, egocêntricas, obstinadas e só enxergam seus objetivos. Todavia, tendo como álibi a posição de justiceiras, elas ganham a simpatia do público, que até torce por elas, como se, de certa forma, resgatassem um pouco as injustiças cotidianas de que é vítima o telespectador.

Forster nos lembra que as personagens de ficção são reais não por serem como nós (embora possam sê-lo), mas porque são convincentes, e são convincentes quando estão de acordo com as leis do romance: sua realidade decorre, pois, da con-

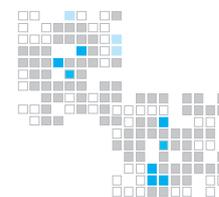
formidade com essas leis. O que distingue uma personagem de nós é que o relacionamento humano, considerado em si mesmo e não como uma contingência social, é visto como se fosse um espectro. Não podemos nos compreender uns aos outros senão de um modo imperfeito, não podemos nos revelar nem mesmo quando o queremos.

[...] *O que chamamos de intimidade é apenas um expediente temporário; o conhecimento perfeito é uma ilusão. Mas num romance podemos conhecer as pessoas perfeitamente e, à parte do prazer geral da leitura, podemos encontrar aqui uma compensação para sua imprecisão na vida. Neste sentido, a ficção é mais verdadeira que a história, pois vai além dos fatos comprovados, e cada um de nós sabe, pela própria experiência que existe algo além dos fatos, e mesmo que o romancista não o tenha captado corretamente, ao menos tentou* (Forster, 1969, pp. 48-49).

### **Em síntese, as personagens do romance**

[...] *são pessoas cujas vidas secretas são ou poderiam ser visíveis; nós somos pessoas cujas vidas secretas são invisíveis. Eis porque os romances, mesmo quando são sobre pessoas perversas, podem nos consolar; sugerem uma raça humana mais compreensível e, conseqüentemente, mais dócil, nos dão a ilusão de perspicácia e poder* (Forster, 1969, p. 49).

*Celebridade* tem vilões de grande protagonismo e relevância na sua trama. Laura não age sozinha, tem como adjuvante Marcos, um parceiro competente que, vez por outra, tenta convencê-la de desistir de seu propósito último, que é tornar-se um quase clone de Maria Clara, destruí-la e assumir uma identidade social em tudo igual àquela. Tal hesitação funciona como um teste para a determinação de Laura e, ao mesmo tempo, estabelece com a vilã uma relação hierárquica: se ele quer desistir do objetivo por algum lampejo de medo ou dúvida quanto ao êxito do projeto é por





não compartilhar das mesmas certezas que a movem e isso lhe confere um traço de humanidade e o inferioriza em relação à vilania absoluta dela.

Outro vilão potente na telenovela é Renato Mendes, o vice-presidente da empresa de comunicação Vasconcelos. Ele e Laura se enfrentam e mudam de posição com frequência, num jogo de força na disputa de objetivos senão comuns, pelo menos muito próximos quanto aos alvos a serem atingidos. Talvez seja essa briga de titãs o grande achado do autor para superar a audiência das telenovelas que a precederam. Os vilões são jovens, bonitos, cheios de glamour e sofisticação, vivendo num cenário charmoso e requintado, ainda que na intimidade se mostrem grosseiros, vulgares e exibam gosto pela luxúria, pelo mundo da prostituição e do crime.

Com as atenuantes do parecer, eles passam a gozar de uma certa simpatia, sobretudo Laura que, ao se propor como vítima, justifica sua vingança e legitima sua vilania. Embora pouco consistente, sua motivação consegue ser suficiente para gerar o mínimo de ambigüidade necessário para evitar contra a personagem sentimentos de forte rejeição. O senso comum contribui trazendo argumentos em sua defesa, como “os fins justificam os meios” ou “olho por olho, dente por dente”, ou ainda, “cada um tem o castigo que merece”.

Perdoar vilões e atenuar seu castigo é uma forma de adequação da história à realidade, na qual os maus viram celebridades e, com frequência, se dão muito bem. A política está repleta de exemplos, assim como o mundo dos negócios e do espetáculo. Quando a lei é a lei do mais forte e se tem que levar vantagem em tudo (Lei de Gerson), as qualidades desejáveis são as do vilão, independente do uso que se faça delas: se para o bem ou para o mal. O que importa é vencer ou vencer, independentemente dos meios empregados e do rastro de destruição deixado pelo caminho.

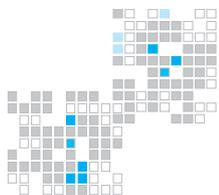
Odete Roithman (Beatriz Segall em *Vale Tudo*<sup>6</sup>) é uma empresária poderosa e sem escrúpulos, que

exibe classe, segurança e obstinação. A personagem é rude, calculista e determinada no comando de seus negócios, na manipulação dos parceiros, de sua família e das relações sociais. Tornou-se símbolo da corrupção em que estava mergulhado o Brasil naquele momento (década de 1980). Houve forte identificação entre a vilã e o país em que todos os desmandos, falcaturas e artifícios eram válidos para se manter ou chegar ao poder. Sua parceria com Maria de Fátima (Gloria Pires), a vilã pobre que vende a casa da mãe e vai para o Rio de Janeiro, disposta a enriquecer a qualquer preço, mostra a força da “lei de Gerson”, do levar vantagem em tudo, contaminando toda a sociedade brasileira e demonstrando que o rico e o pobre podem ser igualmente maus e inescrupulosos.

Quebra-se o mito da oposição rico mau e pobre bonzinho. Enfatiza-se a ausência de valores e dispositivos de controle social para punir os que agem contra a ordem moral. Odete Roithman exhibe seu profundo desprezo pelo país e tripudia sobre a falência das instituições. Para legitimar a analogia entre a ficção e o Brasil real, não há sanção para os culpados que vão embora do país, dando uma “banana” para os brasileiros, e reafirma o Brasil como o país da impunidade. Para Pallottini (2000), a benevolência do autor sugere afastamento da tradição do folhetim ou o desencanto com os instrumentos de aplicação da justiça humana.

A morte de Odete Roithman ocorreu por engano. Apenas um consolo para o telespectador, um acontecimento fortuito, casual, conciliador, mas não fruto de uma vitória da ordem sobre o caos. Sua fama de grande vilã da telenovela brasileira está associada ao suspense provocado pelo mistério em torno da identidade do seu assassino, descoberto alguns dias depois.

6 Telenovela de Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères, Rede Globo de Televisão, veiculada em horário nobre, de 16/5/1988 a 6/1/1989.





Na telenovela *A Próxima Vítima*<sup>7</sup>, a grande expectativa girava em torno da descoberta do serial killer, que matou, um a um, várias personagens. Assim, havia também uma pergunta insistente e grande curiosidade sobre quem seria a próxima vítima até a revelação da identidade do assassino, no último capítulo<sup>8</sup>. Em *Vale Tudo*, a pergunta era quem matou Odete Roithman, em *O Astro*<sup>9</sup>, quem matou Salomão Hayala (Dionísio Azevedo) e agora, com *Celebridade*, o mistério de dois assassinatos gerou a pergunta: quem matou Lineu?

Como reza o modelo do folhetim, um vilão forte tem que ser uma personagem plana, sem densidade psicológica, sem conflitos: apenas determinação cega para seus objetivos. Claro que o desempenho do ator conta e conta muito, sempre. Quando uma personagem bem construída encontra um bom ator, o casamento gera personagens inesquecíveis. Odete Roithman marcou Beatriz Segall e entrou para a história da telenovela, assim como Maria de Fátima consagrou Glória Pires e provavelmente acontecerá com Laura em relação à Cláudia Abreu. O tipo de vilão que estamos focalizando acaba por ser uma personagem desejada. Bons atores, que fazem uma carreira como personagens bonzinhos, não se sentem realizados se não incluem em sua história profissional um vilão forte.

Enquanto não se revelava quem seria o assassino em *Celebridade*, especulava-se sobre a sorte daquele(a) que o encarnaria. O jovem ator Márcio Garcia, o Marcos, parceiro de Laura, era um forte candidato. Circulava nos meios artísticos e na imprensa que, se ele fosse escolhido para ser o criminoso da trama, sairia da telenovela como um ator maduro e consagrado, entrando para a galeria dos vilões célebres na história da telenovela brasileira. Tendo em suas mãos a responsabilidade

de decidir sobre a consagração de alguém, Gilberto Braga preferiu não se arriscar nesse papel de “Deus”, já que não é uma personagem, mas o autor, dono do destino de suas criaturas ficcionais e não do de seres humanos reais.

**“O que chama a atenção e desafia a análise é a predominância de personagens maniqueístas no papel de vilões assumindo o protagonismo.”**

Num final de muita ação, Laura e Marcos são mortos por Renato Mendes. Enquanto a polícia cerca a casa, Laura, agonizante, confessa o duplo assassinato e revela como e porque matou Lineu. Isso frustrou um pouco a audiência. Não se suspeitava que em meio a tantas culpas, a vilã carregasse mais essas. Com esta sobrecarga transgressora, a morte como castigo foi considerada, para significativa parcela dos telespectadores, uma punição muito branda.

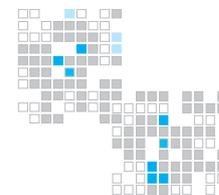
O que chama a atenção e desafia a análise é a predominância de personagens maniqueístas no papel de vilões assumindo o protagonismo nas tramas das últimas telenovelas brasileiras nos diferentes horários da emissora de TV (Rede Globo) que tem a hegemonia da audiência. Nelas, os heróis se empalidecem diante da pujança dos seus antagonistas e esse deslocamento coincide com o aumento progressivo da audiência. Embora possa ter um peso relativo como justificativa para o fenômeno, o destaque que vem sendo dado ao vilão pode ser uma entre as variáveis que impulsionam esses índices.

Ao lado deste, outros fatores sinalizam para um retorno ao folhetim e ao melodrama clássico, como as fórmulas simplificadoras e os esquemas fixos de que são exemplos o exame de DNA para comprovação de paternidade, observados nos capítulos de um mesmo dia em três diferentes telenovelas da mesma emissora: às vinte horas em *Celebridade*, às dezenove horas em *Da Cor do*

7 Telenovela de Silvio de Abreu, Rede Globo de Televisão, veiculada no horário nobre de 13/3 a 3/11/1995.

8 Sobre o assunto ver Motter, 2003.

9 Telenovela de Janete Clair, Rede Globo de Televisão, veiculada no horário nobre de 6/12/1977 a 8/7/1978.





*Pecado* e às quinze horas em uma reprise do *Vale a Pena Ver de Novo*; e o recurso ao suco de laranja com adição de sonífero nas duas primeiras, no mesmo dia, usado pelos vilões ou seus auxiliares para fazer dormir personagens, comprometer os heróis ou preparar-lhes ciladas, nos capítulos das duas primeiras telenovelas citadas. No início da telenovela *Senhora do Destino*<sup>10</sup>, que sucedeu *Celebridade*, assistimos a dois funerais: um às dezenove horas (Afonso, interpretado por Lima Duarte, em *Da Cor do Pecado*) e outro às 21 horas (Leila, interpretada por Maria Luísa Mendonça, em *Senhora do Destino*).

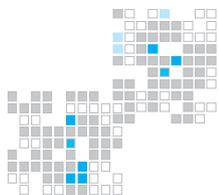
Poderíamos acrescentar muitos outros exemplos de simplificação e descuido na tessitura de narrativas recentes, como o esquecimento que deixou sem solução o mistério da paternidade de Maria Clara (*Celebridade*), o de incoerências identificadas em *Senhora do Destino*, como a não correspondência entre o tempo da história (primeira fase 1968 e segunda, “25 anos depois”, portanto, 1993), e usos, costumes e tecnologia (carros, celulares, programas de computador) do tempo do discurso (2004, ano em que a telenovela é escrita, gravada e levada ao ar), mas estaríamos fugindo ao propósito deste trabalho.

Tais registros já sugerem, todavia, que às mudanças identificadas na macroestrutura da teleno-

vela, como é o caso do deslocamento da ênfase do herói para o vilão, corresponde um menor cuidado com a microestrutura narrativa e detalhes de produção erosivos para a coerência e a verossimilhança da telenovela. A nosso ver, eles funcionam como um alerta: a satisfação produzida pelo aumento dos índices de audiência pode constituir uma séria ameaça para o diferencial de qualidade da emissora e firmar a tendência de rebaixamento no nível artístico e no conteúdo social da teledramaturgia televisiva brasileira, que poderá transformar sua criação ficcional em mais um produto de consumo, entre tantos outros do setor, no mundo industrial da cultura.

Finalmente, caberia pensar sobre o caráter hegemônico da emissora nesse domínio, no qual não tem concorrentes nacionais e, em termos de qualidade, também internacionais, em relação à busca de superação de índices de audiência, que não diz respeito a outros canais ou redes de televisão, mas a ela própria; que num passado sem TV por assinatura, contabilizou números bem mais expressivos. Por este raciocínio, a emissora estaria em uma disputa de audiência com ela própria. Todavia, a questão envolve intrincadas preocupações de ordem econômica, prevenção de riscos e incertezas do futuro num mundo de rápidas transformações, a serem discutidos em uma outra oportunidade.

74



10. Telenovela de Aguinaldo Silva, Rede Globo de Televisão, veiculada em horário nobre, iniciada em 28/6/04.

## BIBLIOGRAFIA

FORSTER, E.M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre, Globo, 1969.  
MOTTER, M.L. *Telenovela e campanha política: porto dos milagres*. In: BARROS FILHO, Clóvis de (org.). *Comunicação na Polis: ensaios sobre mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2002.  
MOTTER, M.L. *Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela*. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. São Paulo: Papirus, 1998.  
PALLOTTINI, Renata. Telenovela: os bons e os maus. *XXIII INTERCOM*, GT 21 Ficção Televisa e Seriada. Manaus: 02 a 06 de setembro de 2000.

